

GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: O MOVIMENTO QUEER E A LUTA CONTRA A HETERONORMATIVIDADE.

Rodrigo da Silva Sousa
Salathiel do Nascimento Dias

RESUMO

Apesar de todas as discussões acerca da temática gênero e sexualidade, a sociedade ainda enfrenta problemas com a normalização. A heteronormatividade coloca o sujeito heterossexual como modelo padrão, desprezando outras expressões. Com isso em vista, foi produzido um documentário, intitulado de Queers, que conta a história de seis pessoas da cidade de Campina Grande, Paraíba. Essas pessoas têm em comum a transgressão; a vontade de lutar contra o modelo heterossexual, cis, monogâmico, imposto pela sociedade, e o combate às estruturas binárias de sexualidade e gênero. Após produzido, o documentário foi o objeto central para uma intervenção dentro do contexto da Educomunicação, para alunos do ensino médio de uma escola técnica em saúde. A análise desta intervenção mostra a importância da inserção da temática Gênero e Sexualidade no âmbito escolar.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Queer. Heteronormatividade. Educação.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato de uma criança com o mundo é sob estruturas binárias de sexualidade e gênero (homem/mulher; heterossexual/homossexual), mas que tem o heterossexual, cis, monogâmico, como um modelo padrão a ser seguido, reprimindo todas as minorias sexuais existentes no mundo, e principalmente no Brasil, um país miscigenado, modelo de diversidade, mas que ostenta o título de país que mais mata LGBTQA+ no mundo.

No entanto, essas minorias sexuais, resistem e lutam contra esse padrão heteronormativo imposto. O movimento Queer nasce da necessidade de quebra desses paradigmas e do que é tido como normal, pois veremos, através de autores como Guacira Lopes Louro que não há naturalidade nesses padrões de sexualidade e gênero, e que a construção da identidade se dá no âmbito da cultura. Veremos também que os estudos culturais na pós-modernidade de Stuart Hall, reforça a ideia de uma mudança nessas estruturas binárias heteronormativas.

Além disso, a Educomunicação, que surge com a junção da educação com a comunicação, nos apresenta áreas de intervenção, como objetivo de transformação social. Uma dessas áreas de intervenção educacional é a Produção Midiática. Sendo assim, foi produzido um documentário sobre o movimento Queer e a luta contra a heteronormatividade, que acompanha os relatos de seis jovens da cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil. O documentário traz à tona problemáticas sociais acerca daqueles que fogem aos padrões heteronormativos de sexualidade e gênero.

Portanto, como as intervenções educacionais trazem a ideia de transformação social, o documentário cumpre sua missão transformadora ao adentrar uma instituição de ensino da cidade de Cajazeiras, Paraíba, Brasil. O produto audiovisual fomentou o debate acerca das questões de gênero e sexualidade, mostrando que essa temática, ao contrário do que muitos pensam, andam em comunhão com a educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Neste artigo, tratamos da temática Gênero e Sexualidade, a partir da perspectiva do movimento e teoria Queer. Esse movimento nasce a partir de um processo de reapropriação de uma palavra utilizada de maneira pejorativa para se referir aos que fugiam ao modelo heterossexual, cis, e monogâmico. Por isso, tratamos da história da sexualidade, dos estudos das identidades culturais na pós-modernidade, e teoria Queer, além do relato da produção do documentário “Queers”, e da exibição do mesmo, como intervenção educacional, em uma instituição de ensino da cidade Cajazeiras, Paraíba.

2.1 TEORIA QUEER E A LUTA CONTRA A HETERONORMATIVIDADE

Quando nascemos, nossos pais ou responsáveis, ou melhor, a sociedade toma diversas decisões a respeito de como nós, recém-nascidos, iremos viver. “É menino ou menina?” é quiçá a pergunta mais ouvida por uma mulher grávida. Há um modelo binário de gênero a ser seguido por aquela criança, antes mesmo de nascer.

Atribui-se o ser homem e ser mulher a algo biológico, determinado pelo órgão genital da criança. Sobre isso, Louro (2008) afirma que não há “naturalidade” nesta concepção de gênero, e que é no âmbito da cultura que um ser humano se faz homem ou mulher.

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente. (LOURO, 2008, p.18)

Ainda sobre este assunto, Louro (2008) diz que: “família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo”. Ou seja, aquilo que alguns consideram, ingenuamente, como algo natural, na verdade é culturalmente construído e as instituições são importantes neste processo por possuírem normas e práticas, seguidas (impostas) por (para) um grupo grande de pessoas. Além disso, todo o avanço tecnológico, a popularização da internet e outros fatores contemporâneos são alienadores e reforçam essa ideia a respeito de gênero e sexualidade.

Na infância, a criança descobre um mundo segregado, e a ideia de “liberdade” pregado por muitos esbarra na questão sobre o que é “de menino” e o que é “de menina”, como: cores, brinquedos, brincadeiras, atividades, esportes, e roupas. Além disso, a criança entra em contato precoce com o consumo, principalmente, com a popularização do YouTube, e a figura do Youtuber e dos influenciadores digitais, ditando modas.

Apesar de toda a discussão a respeito da questão de gênero e sexualidade, somos reféns de estruturas binárias (homem/mulher, heterossexual/homossexual). Em uma corrente oposta a esses modelos está o Queer, termo originário da língua inglesa, usado algum tempo atrás de maneira pejorativa para com os contrários ao modelo heterossexual, cis, monogâmico. Hoje, o termo foi reapropriado e se tornou motivo de orgulho e resistência.

Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. (LOURO, 2001, p.546)

A heteronormatividade põe o sujeito heterossexual como um modelo padrão a ser seguido, desprezando todas as expressões de gênero e sexualidade presentes hoje na sociedade contemporânea. Apesar de introduzido na sigla LGBT, assim como outras letras, no Brasil se torna difícil encontrar pessoas que se identificam como Queer, talvez por ser um termo em inglês, ou por todos os discursos contrários a esse movimento, propagado pelas instituições. No entanto, assim como esta palavra, termos, usados de maneira pejorativa, foram reapropriados no Brasil, como: “viadinho”, “sapatona”, e “traveco”. Sendo assim, o movimento Queer no país, apesar de ter outros nomes, é forte e crescente.

Pensar na construção desse movimento no mundo, devemos ter em mente uma visão de uma sociedade completamente preconceituosa, a qual para a busca de direitos e dignidades, necessita se reafirmar como um cidadão igual a qualquer outro. Nesse contexto percebemos que, assim como grande parte dos movimentos sociais, o movimento queer consolida-se nos Estados Unidos a partir da Rebelião de Stonewall, em 1969, a qual foi uma revolta da comunidade LGBT contra o sistema jurídico anti-homosexual estadunidenses. Toda essa luta teve grande visibilidade na mídia dos Estados Unidos e no principalmente no mundo, surgindo a necessidade da comunidade LGBT se reafirmar como existentes e fora dos padrões ditos dentro da sociedade.

No Brasil, o movimento ganhou força a partir dos anos 70, em um país pós ditadura militar, onde jornais voltados ao público LGBT circulavam, como era o caso do “Lampião da Esquina” e do “Xana Com Xana”. Nos anos 80, a AIDS foi associada à homossexualidade, levantando toda uma discussão na época.

o vírus da Aids realizou em alguns anos uma proeza que nem o mais bem-intencionado movimento pelos direitos homossexuais teria conseguido, em muitas décadas: deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é o outro, no sentido de um continente à parte, mas está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e – isto é importante! – dentro de cada um de nós, pelo menos enquanto virtualidade. (TREVISAN, 2000, p. 462)

Com o advento da internet nos anos 90, e a popularização da mesma nos anos 2000, as discussões acerca da homossexualidade foram se moldando a uma geração mais aberta ao diferente e mais bem informada. Uma geração questionadora e responsável pela quebra de muitos tabus, mesmo que grupos tradicionalistas e conservadores ainda persistam. Sexualidade e gênero são frequentemente discutidos, mas ainda causam muita polêmica. Depois que perceberam que não poderiam mais tratar a homossexualidade como doença - apesar de alguns ainda usarem o termo homossexualismo - resolveram padronizar o ser humano para seguir estruturas binárias. Neste contexto, a figura de Hall se destaca no estudos dessas identidades culturais pós-modernas.

De origem Jamaicana, Stuart Hall, autor do livro *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, se destacou ao pesquisar as resistências das minorias e culturas desprivilegiadas. O livro citado acima, parte do princípio de que as velhas identidades estão em decadência e aponta para o surgimento de um indivíduo moderno, com novas identidades e fragmentado. Se antes do século XIX a homossexualidade era considerada sodomia, e até final do século XX era considerado como doença pela Organização Mundial de Saúde, hoje, nós temos uma visão diferente da homossexualidade, novas identidades, uma sigla que abrange diversas sexualidades e gêneros e um indivíduo questionador e com acesso à informação.

As identidades culturais são formas de pertencimento e na concepção do sujeito pós-moderno não há “uma identidade fixa, essencial, ou permanente” (HALL, 1992, p.12). Sendo assim, um indivíduo pode pertencer a mais de uma cultura, que aplicado ao movimento queer pode significar que cada expressão da sexualidade e gênero, apesar de fazer parte de um mesmo movimento de resistência, é diferente, pois se adapta a cultura pertencente. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma

cômada estória de nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu””(HALL, 1992, p.13).

2.2 PRODUÇÃO MIDIÁTICA E AS ÁREAS DE INTERVENÇÃO EDUCOMUNICATIVA

Quando refletimos no contexto do mundo globalizado, novas tecnologias e diversas formas de interações, devemos ter em mente o surgimento de novos estudos para compreensão desse cenário, como também buscar meios para se relacionam com o novo, pesquisando e reformulando áreas de estudos que possam nos ajudar nesse dever. Por esse caminho que a educomunicação surge, como uma campo interdisciplinar, atuando em conjunto com a comunicação e com a educação, objetivando novos caminhos no uso dessa nova tecnologia com o ensino, possibilitando uma educação emancipadora e crítica do sujeito a partir da comunicação, transformando os espaços onde esse campo é inserido.

Assim como Soares:

Definimos, assim, a Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 24).

Por esse viés social, a educomunicação preocupasse em atuar em em ecossistemas comunicativos com intervenções socioculturais, essas as quais são divididas em sete áreas: epistemologia da educomunicação, produção midiática, educação para comunicação, pedagogia da comunicação, mediação tecnológica na educação, expressão comunicativas através das artes, e gestão da comunicação. O educador deve, segundo Almeida (2016, p. 11), “atuar como mediador de conflitos”, reconhecendo as dificuldades do ambiente, como também das pessoas que estão presentes nele, colocando em prática uma intervenção, objetivando, segundo Metzker (2008, p. 5), “o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, tanto individual quanto em grupo”.

Reconhecendo ser um campo novo de estudo e aplicação, a Educomunicação possui uma área pensada para o desenvolvimento teórico, unido a prática com o objetivo de ser difundido dentro da sociedade. Essa área de intervenção é a epistemologia da educomunicação, nela todo o processo de conhecimento sobre a educomunicação é compartilhado, criando redes de interesses comuns, em ambientes de ensino formal e não formal, principalmente na academia. Entendemos principalmente essa área como um espaço de repensar os ecossistemas educacionais que são desenvolvidos, “estudando a sua aplicabilidade nas diferentes regiões e ambientes e observando os resultados alcançados” (ALMEIDA, 2008, p. 15)

Pensando em uma recepção ativa e crítica da sociedade diante os meios de comunicação, a área de intervenção educação para a comunicação se volta para mostrar caminhos de ensino voltados à “sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação” (SOARES, 2014, p. 138). Essa área se torna fundamental na atualidade em que vivemos, principalmente pela expansão da internet e devido a ignorância de alguns para esse meio, causam o impulsionamento as conhecidas Fake News.

Desenvolvida para melhorar a comunicação e interação das pessoas, a área de Pedagogia da comunicação qualifica, a partir de procedimentos, “a aprendizagem, criando condições de alteração - para melhor - da própria prática pedagógica” (SOARES, ALMEIDA, 2012, p. 123). Se volta a promover ações em ambiente onde a comunicação possua alguma interferência que dificulte a aprendizagem, buscando novas formas pedagógicas de ensino de acordo com a necessidade dos sujeitos envolvidos. Como também, direcionar novas formas de comunicação dentro de ambientes de ensino não formal, incentivando a participação de toda a comunidade.

Falamos tanto das influências das novas tecnologias, que não poderia deixar de ter na educomunicação uma área que se volte especificamente para isso, a área pensada para intervir na sociedade é a Mediação tecnológica na educação, que visa utilizar dos meios tecnológicos para aprimorar a aprendizagem tanto do professor e alunos, como toda a comunidade envolvida. Reconhecendo também as necessidades de otimizar as aulas quando se observa as consequências das novas tecnologias na transformação do ambiente escolar. Nessa perspectiva, essa área preocupasse “com a presença das tecnologias como elemento interveniente nas

mediações culturais que mobilizam a sociedade, com influências nos modos de perceber o mundo e de produzir culturas” (SOARES, 2014, p. 12)

Refletir sobre algo tão presente e visível em nosso dia-a-dia é umas das preocupações da Educomunicação, por isso a área interventiva Expressão comunicativa através das artes se direciona a utilizar “da linguagem artística para a interação entre seres humanos” (ALMEIDA, 2016, p. 28). Servem para estimular a criatividade da comunidade, possibilitando que determinada pessoa, muitas das vezes a pessoa tímida, possa se expressar por meio da arte. Por ter esse contexto de universal, é a partir arte que torna se “capaz de conectar indivíduos dispersos” (ALMEIDA, 2016, p. 29).

Essas áreas citadas até agora abrangem em alguns pontos uma específica área de intervenção, a Gestão da comunicação, em razão por visar a “implantação e manutenção de ecossistemas comunicativos” (ALMEIDA, 2016, p. 30). Democratizando o direito à voz, com participação coletiva de todos para fortalecer a aprendizagem da comunidade, possibilitando uma construção de conhecimentos colaborativos, como também inovadores.

Por último e não menos importante, focamos em outra área de intervenção, que é a Produção midiática, a qual objetiva desenvolver “ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educacional” (SOARES, 2014, p. 138). Em outras palavras, é possibilitar que outras pessoas possam produzir determinado produto midiático, a partir de oficinas ou minicursos, sem necessariamente possuir equipamentos profissionais. Como também, ser possível desenvolver um produto de fácil absorção do público, com uma linguagem de simples. Nessa área, o intuito do educador é mostrar que os meios de comunicação existem para serem utilizados por todos.

Assim como Almeida (2016, p. 16) complementa:

Como parâmetro educacional delimita-se a produção com intencionalidade educativa elaborada em ambientes educacionais formais ou não, que ao promover o conhecimento crítico se nutra de: princípios democráticos e valores como cidadania, a solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontal.

Nesse processo de intervenção se faz necessário a atuação presente de um profissional da área para direcionar os processos, não afirmando que apenas ele é

capaz de fazer, mas é fundamental o auxílio do mesmo para que a produção flua de forma saudável. Nos espaços de educação se torna como uma ferramenta principal para desenvolver nossas formas de conhecimentos, tanto na produção técnica, como na humanização do ser cidadão. É pensar essas propostas para aprimorar os conhecimentos em sala, a partir de diversos materiais didáticos, servindo como apoio à aprendizagem.

2.3 QUEERS: O DOCUMENTÁRIO

Com base no movimento e teoria Queer, foi produzido o documentário “Queers”, como proposta de intervenção educomunicativa, na cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil. O documentário conta a história de seis jovens LGBTQA+ da cidade, com foco na luta contra a heteronormatividade. Campina Grande é a segunda maior cidade da Paraíba, e fica localizada na região agreste do estado. O número de habitantes ultrapassa os quatrocentos mil. Campina Grande é conhecida como cidade universitária e também como a cidade do “maior São João do mundo”. O documentário foi gravado nos meses de junho e julho de 2018.

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, a cada 19 horas, um LGBTQA+ é morto no Brasil. Em 2017, foram 445 mortes por LGBTQAfobia:

A cada 19 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da “LGBTfobia”, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT. E o mais preocupante é que tais mortes crescem assustadoramente: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010 e 445 mortes em 2017. (GGB, 2017, p.1)

O documentário segue um roteiro com base nos relatos dos protagonistas, entre eles quatro Drag Queens atuantes em Campina Grande, que disseram sofrer repressão desde a infância por ser afeminado. “Minha infância foi muito difícil, muito

difícil mesmo. Meu pai já chegou a arrumar esposa para mim, não era nem namorada, era esposa direto” conta o participante A.

Desde a infância, entramos em contato com uma estrutura binárias de gênero, que limita a criança de expressar sua criatividade e externar sua personalidade. “Eu sempre fui uma criança muito afeminada, e lá em casa era sempre aquele negócio: não faz isso porque isso é de menina.” conta o participante B. Além disso, segundo os participantes, toda essa repressão gerava engajamento, por isso, buscavam formas alternativas, quase sempre escondidas, para expressar sua personalidade: “Quando eu tinha uns seis anos e tinha MTV em casa, teve o VMA (premiação musical dos EUA), e nesse VMA teve Britney (Spears), Madonna e Christina Aguilera. Eu fiz a coisa mais engraçada que alguém poderia fazer [...] acontece que eu achei o vestido de noiva da minha avó, peguei, cortei e fui para o quintal performar ‘Like a Virgin’.” relatou o participante C.

O participante D, contou em entrevista que ser gay, negro e afeminado, triplica o preconceito sofrido, pois “são três minorias em uma pessoa só”. Além disso, conta também que, na escola, os únicos negros eram ele e a irmã, e que desde criança, além da homofobia, também teve contato com o racismo.

O participante E, se apresenta como mulher, cis, lésbica, mas que cortou seu cabelo como um ato político. Segundo ela, as mulheres de sua família alimentam um estereótipo idêntico ao que a sociedade considera com feminino: “Eu cortei meu cabelo e foi um alvoroço na minha família, porque eu não deveria cortar meu cabelo, que agora eu queria ser homem...”.

O participante C contou também que problemas com normalização acontece também dentro da comunidade LGBTQA+: “Acho que a pior parte de ser afeminado é “não sou e nem curto afeminados” na hora da paquera”. Este relato é dado a partir do contato do participante com os aplicativos de relacionamento voltados ao público gay.

No entanto, o movimento Queer também luta contra o modelo monogâmico de relacionamentos. Os participantes F e G, se apresentaram como um casal, e segundo os mesmo estão no “segundo degrau de mil”, na escala de desconstrução de sua sexualidade: “Quando a gente percebeu que ele faz o sexo dele, eu faço o meu e nós dois fazemos um diferente, foi que a gente começou a perceber que poderia ter uma abertura”.

Com a globalização, que proporciona uma interconexão do mundo, as referências, para o movimento, se ampliaram. Os participantes, em particular, as Drag Queens, apontaram o reality show “Rupaul’s Drag Race” como principal referência para essa nova geração de Drags. Além disso, um grupo de artistas, também Drag Queens, de Campina Grande, conhecido como “As Perlutanas”, foram também responsáveis pela iniciação das mesmas nessa arte, cada dia mais popular no mundo inteiro. O participante D contou que não tinha muitas referências de gays negros na infância, com exceção das artistas Lacreia e Vera Verão, que eram também apelidos que as pessoas costumavam lhe dar.

O participante H encerra o documentário falando da importância de Campina Grande no cenário artístico regional: “Campina Grande, eu acho que é um nicho de arte muito interessante. Eu que acompanho como se faz Drag Queen por ai a fora, eu vejo que muito dos artistas mais a vanguard no conceito de Drag Queen, saem daqui de Campina. O que me dá muito orgulho da minha cidade”.

2.4 GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

A discussão acerca das questões de gênero e sexualidade é ampla e geralmente polêmica, principalmente quando é direcionada ao âmbito escolar. A todo momento, políticos defendem projetos de leis contra a chamada “ideologia de gênero”, deixando clara a visão de que a inserção de tais temáticas nas escolas faria apologia às expressões sexuais e de gênero minoritárias, quando na verdade, a intenção de gerar debate dentro das instituições de ensino é focada na conscientização.

O projeto “Quero na Escola” surgiu com a necessidade de uma aproximação entre a sociedade e a escola pública. A intenção é suprir os interesses dos alunos além do currículo escolar. Por isso, o projeto faz a conexão entre as instituições, que solicitam aulas, oficinas e palestras sobre o tema de interesse dos alunos, e o voluntariado.

A Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, localizada no campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em Cajazeiras, Paraíba, solicitou ao “Quero na Escola” o debate sobre a temática Sexualidade e Gênero. A instituição forma alunos dos três anos do ensino médio e oferece um curso técnico

subsequente na área de saúde aos seus egressos. A escolha do tema foi uma decisão dos próprios alunos, e segundo os mesmos, a ideia surgiu após episódios de preconceito e discriminação dentro da instituição. Entre Campina Grande (cidade onde foi produzido o documentário) e Cajazeiras (cidade onde se localiza a escola), são mais de quatrocentos quilômetros.

Após divulgado pelo projeto, foi feito o envio da proposta para exibição do documentário *Queers* na escola, a fim de gerar, a partir dele, um debate acerca de sua temática: o movimento Queer e a luta contra a heteronormatividade. Logo após a recepção positiva da proposta por parte da escola, o contato com o “Quero na Escola” foi mais intenso, a fim de preparar um conteúdo didático e de qualidade para suprir a demanda de cento e trinta e cinco alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio.

Após o planejamento, no início de setembro de 2018, a instituição recebeu a exibição do documentário. O conteúdo audiovisual fomentou a discussão acerca da temática solicitada, através da perspectiva dos verdadeiros protagonistas dessa história. Vale salientar, que como a intenção da produção midiática no contexto de intervenção educacional é adentrar as instituições, e que o movimento Queer, mesmo crescente, ainda não possui espaço na grande mídia, o documentário acaba trazendo menos recursos cinematográficos, e se utiliza na maior parte do tempo de entrevistas com os integrantes do movimento, na intenção de gerar um debate epistemológico acerca da sigla LGBTQA+, em especial da letra Q.

As etapas da oficina sobre gênero e sexualidade na Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras consistiu em, primeiramente, uma conversa sobre a Educação e como ela se insere dentro do contexto da temática principal. Logo em seguida, foram discutidos os conceitos das palavras mais importantes para entendermos o tema: gênero, sexualidade, LGBTQA+ e o que cada letra representa, representatividade, e empatia. A oficina seguiu com a exibição do documentário *Queers*, de aproximadamente 25 minutos. Além dos alunos, professores também estavam presentes durante todo o tempo, acompanhando e reforçando a importância de temáticas como sexualidade e gênero serem tratadas dentro do ambiente escolar, pois, segundo eles, contribuem para a formação acadêmica e pessoal de cada aluno.

Após a exibição, o debate sobre o tema ganhou uma outra proporção. Daquele momento em diante os estudantes estavam informados e com uma visão

mais ampla da temática. O aluno que foi responsável por colher as assinaturas para solicitação da oficina falou da importância do orgulho LGBTQA+, e apontou a produção midiática como um método eficaz de transmissão de conhecimento, já que a grande mídia não trata temas de seu interesse, como a saúde de uma pessoa LGBTQA+, já que estuda em uma instituição que leva o nome de Escola Técnica de Saúde.

2.5 ANALISE DOS DADOS E RESULTADOS

O documentário “Queers” foi produzido pelos autores deste artigo, e exibido na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no dia 30 de julho de 2018. A exibição teve a presença de aproximadamente 20 pessoas e logo após foi disponibilizado no *YouTube*, e conta com aproximadamente 429 visualizações. A duração é de 25 minutos, incluindo na abertura um ato de dança contemporânea feita por um artista Queer da cidade.

A plataforma *Youtube* possui algumas maneiras de se aplicar um feedback à produção midiática em questão. O botão de “gostei” do vídeo possui 50 cliques, e botão de “não gostei” possui 1 cliques. Atualmente, o vídeo conta com 7 comentários, sendo 5 positivos, 1 sendo uma crítica construtiva de um dos espectadores e 1 negativo. Para ter acesso ao vídeo, basta pesquisar “Documentário Queers” na barra de ferramenta do *YouTube*.

Na Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, foram utilizados questionários para entendermos a real importância dos estudos de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Os questionamentos foram amplos e relevantes: a coleta destes dados nos permite entender se há diálogo entre os jovens alunos e seus pais ou responsáveis, assim como, questionam-os sobre suas concepções próprias do significado de gênero e sexualidade. Aproximadamente um terço do total de alunos contemplados com a oficina responderam ao questionário.

Toda a discussão existente acerca das questões de sexualidade e gênero, são geralmente iniciadas através da perspectiva de pessoa sem “lugar de fala”. São, em sua maioria, pais heteronormativos, tentando moldar seus filhos por meio de estruturas binárias de gênero e sexualidade. Em um país de tamanho continental

como o Brasil, a diversidade é uma característica irrefutável, e podemos constatá-la até em pequenos grupos.

Visto isso, reunimos um grupo de 29 alunos dos três anos do ensino médio da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras para a aplicação do questionário. Primeiramente, reconhecemos o público. A faixa-etária dos alunos foi de 14 a 19 anos, tendo um número maior de pessoas de 16 e 17 anos.

As questões envolvendo a diversidade começam a ficar evidentes quando tratamos da identidade de gênero e orientação sexual dos envolvidos. Durante a oficina foram trabalhados termos como: transgênero, cisgênero, e não-binaridade de gênero. Do total de alunos, 19 identificaram-se como mulher cisgênero, 8 como homem cisgênero, e 2 como não-binários.

Com relação a orientação sexual dos alunos, 4 alunos se identificaram como homossexuais, 16 como heterossexuais, 5 como bissexuais, 2 como panssexuais. Apenas 1 aluno não quis ou não soube responder. Vale salientar que a panssexualidade aparece duas vezes nesta amostragem, no entanto, é nitidamente visível que o indivíduo panssexual geralmente não ganha destaque midiaticamente, e comprova que há um real interesse dos jovens com as questões de sexualidade.

Segundo a amostragem, apenas 8 alunos conversam ou já conversaram com seus pais ou responsáveis sobre questões envolvendo gênero e sexualidade, enquanto 21 nunca tocaram no assunto dentro de casa. Em contra partida, 25 alunos relataram já terem sofrido ou conhecem alguém que sofreu preconceito por sua orientação sexual ou gênero, enquanto apenas 3 relataram o contrário, e 1 aluno não souberam ou não quiseram responder.

Quando analisamos de uma perspectiva mais geral, podemos perceber uma relutância em levar essa discussão às instituições, por isso, questionamos os alunos sobre se as questões de gênero e sexualidade devem ser levadas ao âmbito escolar. Unanimemente, a resposta foi “sim”, alunos, adolescentes, do ensino médio, desejam que falar sobre este tema e considera-o de extrema importância.

Para complementar a análise, questões abertas confirmaram questões de suma importância. Os alunos foram questionados sobre se existe idade certa para se começar a tratar deste tema. Durante a análise das respostas pudemos constatar que parte dos alunos consideram que não há idade uma idade certa para isso, no entanto, outra parte aponta que a idade ideal é durante a infância.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, apesar de todo o diálogo existente hoje acerca de temas como sexualidade e gênero, ainda há muito a ser discutido. Os Queers, hoje, estão nas universidades, estão em busca de empregos, de oportunidades nas grandes empresas, mas também estão nas vias alternativas. A repressão à sexualidade é algo que atinge a todos os seres humanos, neste caso, o foco é na comunidade LGBTQA+, especificamente no movimento Queer, pois, estrutura-se hoje, como um movimento de resistência, de luta contra esta repressão. No entanto, é visível que se continuarmos a seguir os mesmos modelos heteronormativos impostos hoje, até mesmo os movimentos sexuais majoritários passarão por esse processo de normalização.

Além disso, vários elementos/ferramentas podem auxiliar esses movimentos sexuais minoritários em sua luta, como a produção midiática. A grande mídia contribui na propagação desses padrões heteronormativos, seja nos jornais, revistas, ou até mesmo, em suas novelas. Portanto, a pedagogia da comunicação traz a ideia da comunicação para educação, a fim de transformar uma realidade. A produção de conteúdo midiático que informe e eduque contribui significativamente para a quebra desses e outros paradigmas sociais.

Através da aplicação da intervenção educacional na Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, podemos constatar também que as questões de gênero e sexualidade sendo tratadas no âmbito escolar são essenciais para formação de um indivíduo consciente, responsável e empático para com as pessoas ao seu redor e para consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L B C. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Campina Grande, Set/2017.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade volume 1: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996. 03-110 p. v. 1. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade: A Vontade De Saber**. 13ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Disponível em: <<https://goo.gl/VQL7xd>>. Acesso em: 08 set. 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA - GGB. **Pessoas LGBT mortas no Brasil - Relatório 2017**. Salvador/2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: Jun/2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas, v.9(2), 2001, p.541-553.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. ProPosições, vol. 19, nº 2, ago. 2008, pp.17-23.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. **Educomunicação**: o novo campo e suas áreas de intervenção social. Revista Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – 07 a 10 de maio de 2008.

SOARES, I. O. **Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação**. Comunicação & Educação, Brasil, v. 19, n. 2, , set. 2014. Acesso em: 26 julho. 2018.

_____. **Educomunicação**: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social O caso dos Estados Unidos. EccoS Revista Científica [online], p. 61-80, 2 (dezembro), 2000b. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71520205> >. Acesso em: 25 julho. 2018.

_____. **Gestão comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, Brasil, n. 23, abr. 2002. Disponível em: . Acesso em: 26 julho. 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.